



NOTA DE ALERTA
Sobre casos confirmados de mormo em equinos em Santa Catarina
Atualizada em 08 de junho de 2015

Considerando o ofício nº 010/2015 do Serviço de Saúde Animal de Santa Catarina, que informa a ocorrência de 9 focos de Mormo em equinos no estado, sendo 8 no município de São Cristóvão do Sul e um em Tijucas, perfazendo um total de 9 casos positivos e outros 17 suspeitos em investigação, a Diretoria de Vigilância Epidemiológica através da Gerência de vigilância de Zoonoses e Entomologia, **alerta** a todos os profissionais da saúde sobre o risco da ocorrência da enfermidade em humanos.

O Mormo é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Burkholderia mallei* (*B. mallei*) e que acomete primariamente os equídeos (cavalos, burros e mulas), e ocasionalmente felinos, cães e cabras, e pode ser transmitida ao homem. Pequenos ruminantes também podem ser infectados se mantiverem estreito contato com animais doentes.

A doença é transmitida ao homem pelo contato direto com secreções e úlceras cutâneas de animais doentes, bem como através de objetos contaminados (arreios, comedouros e bebedouros). A bactéria penetra no organismo através da pele e/ou das mucosas dos olhos e nariz. Casos esporádicos têm sido documentados em veterinários, magarefes, tratadores de animais e laboratoristas, porém no Brasil, não há registro de casos em humanos.

A manifestação clínica do mormo em humanos depende da forma de infecção. As infecções podem ser classificadas em localizadas, cutâneas, pulmonares, generalizadas e crônicas supurativas da pele. Os sintomas gerais incluem febre, mal-estar, fadiga, cefaléia, mialgias, linfadenopatia e dor no peito. Podem ainda apresentar lacrimejamento excessivo, sensibilidade à luz e diarreia.

Infecções localizadas: a penetração se dá a partir de um corte ou arranhão na pele, ocorrendo uma ulceração local dentro de 1 a 5 dias, em média. Caracteriza-se também por edema e fluxo nasal mucopurulento e hipertrofia dos gânglios linfáticos (forma aguda).

Infecções pulmonares: quadro de pneumonia, abscessos pulmonares e derrame pleural podem ocorrer entre 10-14 dias após a exposição. A radiografia de tórax demonstrará infecção localizada no lobo dos pulmões.

Infecções generalizadas: a septicemia pode ocorrer imediatamente após a exposição ou até duas semanas depois do início do quadro e são geralmente fatais.

Considerando o potencial risco de ocorrência de casos humanos, a Diretoria de Vigilância Epidemiológica orienta:

1. Vigilância Epidemiológica

Os serviços de saúde da rede pública e privada devem ficar **alerta** aos **casos suspeitos de mormo em pessoas**, procedentes de áreas afetadas pela doença, para que sejam iniciadas as condutas terapêuticas o mais breve possível.



Para o atual momento epidemiológico considera-se como **caso suspeito de mormo**:

Paciente com aparecimento de abscesso ou lesão ulcerada de pele e história de exposição a animais com diagnóstico de infecção por *B. mallei* nos últimos 14 dias.

OU

Paciente com Síndrome Infecciosa (febre, mal-estar, fadiga, dor de cabeça, mialgias, incluindo dor lombar, linfadenopatia e dor no peito), acompanhada de sintomas respiratórios (tosse, dispnéia, dor torácica e escarro mucopurulento) e história de exposição a animais com diagnóstico de infecção por *B. mallei* nos últimos 45 dias.

OU

Paciente com sinais de abscesso em qualquer órgão/sistema e história de exposição a animais com diagnóstico de infecção por *B. mallei* nos últimos 90 dias.

A vigilância epidemiológica do município deve acompanhar todas as pessoas que mantiveram contato com o animal doente por um período de 15 dias, a contar da data do isolamento dos animais infectados (última possível exposição).

Todo caso suspeito de Mormo deverá ser notificado, imediatamente por telefone no máximo em 24 (vinte e quatro) horas a partir da suspeita inicial, para a Vigilância Epidemiológica Municipal e, simultaneamente, para a Gerência Regional de Saúde correspondente e Diretoria de Vigilância Epidemiológica nos telefones:

- **(48) 3664 7484 / (48) 3664 7487 / (48) 3664- 7489/ (48) 3664-7493 / (48) 3664-7477**, (de segunda a sexta-feira das 07h00min as 19h00min),
- **(48) 91055450** (de segunda a sexta-feira das 19h00min as 07h00min, e finais de semana e feriados durante 24 horas).

2. Diagnóstico Laboratorial

O diagnóstico definitivo requer o isolamento e identificação da *B. mallei* sendo realizado por meio de cultura de sangue, urina, secreções purulentas de lesões cutâneas, abscessos, linfonodos, líquido pleural ou qualquer outro espécime clínico.

A Radiografia pode revelar abscessos em vários órgãos, incluindo os pulmões, fígado e baço, mas esses abscessos são indistinguíveis daqueles causados por outras doenças.

Não há sorologias disponíveis para a identificação da doença em humanos.

Havendo necessidade, as orientações serão dadas por esta Diretoria.



3. Tratamento

O tratamento em humanos é feito com antibióticos específicos. O diagnóstico precoce e tratamento antimicrobiano adequado diminuem a gravidade da doença e são medidas importantes para reduzir a letalidade. *B. mallei* possui suscetibilidade a muitos antibióticos *in vitro*.

O tratamento preferencial é feito com:

Sulfametoxazol + Trimetropim 5mg/Kg (TMP) cada 8h ou Imipenem 0,5-1,0g EV 4/4h ou 6/6h (dose máxima de 4g/dia).

Outras opções terapêuticas incluem Gentamicina, Doxiciclina, Ciprofloxacino, Ceftazidima, Piperacilina.

Durante as internações orienta-se precaução respiratória por aerossol.

Infecções com repercussão sistêmicas não tratadas possuem mortalidade acima de 90%, caindo para 40-50% quando tratada adequada e oportunamente.

4. Medidas de Prevenção e Controle

- A prevenção em seres humanos baseia-se no manejo do ambiente e controle animal, realizado no estado pela Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC).
- Não há vacina disponível para mormo. A prevenção da doença em seres humanos envolve a identificação e eutanásia do animal infectado.
- Atenção especial deve ser dada a todos que cuidam de animais ou trabalham com espécimes suspeitos de infecção (veterinários, tratadores de animais, magarefes, profissionais de laboratório). Todos devem ser orientados a utilizar precauções padrão, precauções de contato e precauções respiratórias.
- Ressalta-se o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), tais como luva, máscara, óculos e avental.
- É importante evitar compartilhamento de veículos, equipamentos e alojamentos de animais na área afetada, para minimizar o risco de contágio.

Florianópolis, 08 de junho de 2015.

Diretoria de Vigilância Epidemiológica
DIVE/SUV/SES/SC